

ENTRE O FORMAL E O INFORMAL: A APRENDIZAGEM DO VIOLÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MÚSICA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

Simone Lacorte Recôva
Universidade de Brasília
silacorte@gmail.com

Comunicação

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo analisar, refletir e discutir sobre as práticas formais e informais de aprendizagem do violão no processo de formação de professores de música para a educação básica no curso de Licenciatura em Música da Universidade de Brasília. Inicialmente, busca-se conhecer o caráter funcional do violão em sala de aula e compreender as habilidades exigidas do professor em diferentes contextos como, por exemplo, instrumento acompanhador e/ou em aulas específicas do instrumento. Este relato de experiência apresenta práticas formais do ensino de violão desenvolvidas em sala de aula como: leitura de partitura; técnica de mão direita e mão esquerda e formação de repertório. Práticas características dos processos da aprendizagem informal como tirar música de ouvido, harmonizar melodias, cantar e se acompanhar também estão presentes no programa da disciplina. A partir desse relato, emergem questões de caráter funcional na utilização do instrumento violão em sala de aula na educação básica: Quais as competências exigidas do professor violonista no dia a dia na sala de aula? Como o curso de Licenciatura em Música contribui para a formação desse educador na *performance* do instrumento? Resultados iniciais demonstram que as disciplinas de Violão Suplementar 1 e 2 cumprem o papel de inicializar os graduandos no instrumento violão, porém a duração das aulas e a prática no instrumento extraclasse ainda são insuficientes para o domínio do instrumento em sala de aula na educação básica.

Palavras chave: Instrumento Suplementar Violão, aprendizagem formal, informal.

Introdução

O presente relato de experiência tem por objetivo analisar, refletir e discutir sobre as práticas formais e informais de aprendizagem do violão no processo de formação de professores de música para a educação básica no curso de Licenciatura em Música da Universidade de Brasília (UnB). Green (2001) refere-se às práticas informais de aprendizagem musical como aquelas habilidades desenvolvidas a partir da observação, imitação, do tirar de ouvido, e da autoaprendizagem (p.5). Para a autora há diferenças significativas entre a

abordagem do formal e do informal no processo de aprendizagem e ensino musical. No entanto, estas não estão necessariamente em lados opostos, ao contrário, há muitos momentos que elas caminham lado a lado (p.6).

A investigação sobre práticas formais e informais de aprendizagem do violão no processo de formação de professores de música é relevante, na medida em que permite ampliar o olhar e as possibilidades de ações músico-pedagógicas na prática docente no ensino superior. Licenciados em música se deparam frequentemente na atuação profissional com a exigência de habilidades como tirar música de ouvido, harmonizar melodias, cantar e se acompanhar, improvisar, compor, acompanhar seus alunos, e/ou, fazer arranjos com outros instrumentos. Apesar das exigências docentes, na trajetória de aprendizagem formal, muitas vezes, essas competências não são desenvolvidas, ou ocorrem de forma insuficiente. Dessa maneira, é importante compreender e debater sobre as demandas do mercado de trabalho do professor em sala de aula no que diz respeito à formação instrumental.

Formação acadêmica e atuação profissional

Figueiredo (2013) buscou conhecer a formação acadêmica de professores de violão e entender a relação com a atuação profissional. Emerge dos resultados da pesquisa do autor que a formação do professor de violão ocorre no exercício da profissão, em diferentes situações de ensino, do estágio docente à pós-graduação.

Tourinho (2015) destaca que não é possível uma formação em nível de graduação que abarque todas as habilidades e conhecimento para a atuação do futuro docente.

Diariamente, os professores de música em exercício precisam responder a diferentes estímulos, que, muitas vezes, não possuem raízes nos ensinamentos recebidos durante o curso que fizeram e que são praticamente impossíveis de se apresentarem da mesma forma e terem a mesma solução (TOURINHO, 2015, P.93)

A autora explica que é necessário ter habilidade de improvisar e segurança para tomar decisões de como seguir, frente a cada novo problema que surgir durante a atuação docente. Mesmo que os desafios não se caracterizem sempre da mesma forma, é importante perceber

que eles guardam entre si similaridades. Dessa maneira, compete ao profissional reconhecer, relacionar e encontrar soluções na medida em que estes aparecem.

Um dos desafios enfrentados pelos professores de violão ao ingressarem no mercado de trabalho, diz respeito ao repertório. Geralmente, em cursos de graduação licenciatura e bacharelado e mesmo em cursos técnicos são comuns os estudos de compositores para violão erudito como Fernando Sor, Matteo Carcassi, Francisco Tarrega, Villa Lobos, entre outros. No que tange ao acompanhamento harmônico, destaca-se o estudo de músicas pertencentes a movimentos da bossa nova e tropicalismo, além de compositores como Chico Buarque e Milton Nascimento, por exemplo. Ao ingressarem como docentes na educação básica, a diversidade e abrangência do repertório do 'gosto' dos alunos se amplia consideravelmente. Oliveira (2014) apresenta que "a execução de um repertório de interesse dos alunos tem influenciado diretamente o desempenho musical dos estudantes e sua motivação para continuar aprendendo o instrumento" (p.1).

Tourinho (2015) traz diferentes tipos de professores que atuam em contextos variados: escolas regulares (públicas e particulares, pré-escolas, ensino fundamental e médio); conservatórios e escolas de música (públicos e particulares); projetos sociais; professores particulares, entre outros. Em cada um desses cenários, há expectativas e atuações diferenciadas no que tange ao papel do professor de violão. Os conservatórios e escolas de música (públicos e particulares) se aproximam mais da formação recebida pelos cursos de graduação em música (bacharelado e licenciatura), ou seja, o perfil do violonista erudito. No entanto, em outros contextos como pré-escolas e ensino fundamental - anos iniciais - o professor de música possui mais o perfil do músico popular, ou seja, um profissional com habilidades de tirar música de ouvido, transpor, tocar e cantar.

Brasil (2015) destaca que a profissionalização do licenciado em sala da rede pública, assim como nos demais espaços educacionais, exigirá do aluno muito mais do que o repertório do violão clássico, escalas e modos estudados ao longo da graduação. O autor cita situações do dia a dia de um professor em sala de aula e questiona, por exemplo, o que fazer quando utilizando o violão, os alunos começam a cantar uma música que o professor desconhece? Qual a tonalidade da música? Qual o ritmo? Ele(a) deve mudar a música por que não a conhece ou

não sabe executar a sequência harmônica e o ritmo ou deve somente cantar sem o acompanhamento? Brasil percebeu que os graduandos de estágio supervisionado em suas aulas na rede pública e ensino sentiam-se desconfortáveis quando um de seus alunos solicitava uma canção infantil que ele(a) não sabiam tocar no violão, ou, quando retomavam a roda e as crianças modulavam a tonalidade, fazendo, muitas vezes, esse estagiário parar de tocar por não conseguir harmonizar a música de imediato.

Possuir um repertório do ‘gosto’ dos alunos não é algo ‘natural’ ao professor recém-formado na universidade, e mesmo, ao professor mais experiente. A situação de um professor que estudou um repertório do violão erudito ao chegar à sala de aula e se deparar com o pedido dos alunos para que ele toque uma música sertaneja, um *funk*, um samba ou um *reggae* não deve ser ignorada.

Há projetos como de Oliveira (2014) que se aproximam mais da formação dos professores de violão nos cursos de graduação: “Orquestra de Violões nas Escolas”. O repertório escolhido a ser ensinado/praticado é eclético, porém já é planejado com antecedência, constituído de canções arranjadas para quatro diferentes naipes. A notação do arranjo geralmente utiliza a notação musical tradicional e a tablatura (p.506). No momento que há um arranjo e notação musical, o professor de violão se sente mais a vontade de trabalhar com os recursos que aprendeu na universidade. Diferente do caso anterior, quando os alunos solicitam um repertório que o docente não vivenciou na universidade, mas na maioria das vezes é resultado de uma aprendizagem informal: autodidata, aprendizagem entre pares, tirar de ouvido, internet e revistas especializadas.

A presente comunicação tem por objetivo analisar, refletir e discutir sobre as práticas formais e informais de aprendizagem do violão no processo de formação de professores de música para a educação básica em um curso de Licenciatura em Música. Inicialmente, busca-se conhecer o caráter funcional do violão em sala de aula e compreender as habilidades exigidas do professor em diferentes contextos como, por exemplo, instrumento acompanhador e/ou em aulas específicas do instrumento. Este relato de experiência apresenta práticas formais do ensino de violão desenvolvidas em sala de aula como: leitura de partitura e formação de repertório. Práticas características dos processos da aprendizagem informal como tirar música

de ouvido, harmonizar melodias, cantar e se acompanhar também estão presentes no programa da disciplina.

Instrumento Suplementar no curso de Licenciatura em Música da UnB

Introdução e/ou desenvolvimento das habilidades funcionais para prática da educação musical em contextos variados: estudo de repertório de diferentes estilos, gêneros e períodos, interpretação, criação e improvisação, audição, arranjo, leitura e harmonização. (Projeto Pedagógico do Curso, 2010)

A ementa citada acima abre a possibilidade para o desenvolvimento de diferentes atividades em sala de aula na disciplina de Instrumento Suplementar Violão 1 e 2 na Universidade de Brasília. A disciplina é ofertada em dois semestres (IS1 e IS2), uma vez por semana e tem a duração de uma hora e meia. Ela é considerada obrigatória seletiva¹ para os alunos do curso de Licenciatura em Música, diurno e noturno e módulo livre para os demais estudantes da universidade. Essas disciplinas são oferecidas desde 2010 e a oferta alterna semestralmente entre dois professores do quadro.

Freire (2013) afirma que existe uma diversidade de alunos, perfis e intensões com a aprendizagem do violão. No contexto deste trabalho, o perfil dos alunos também é variado: jovens e adultos de diferentes faixas etárias com uma predominância do sexo masculino. Quanto ao conhecimento prévio no instrumento: há alunos que não sabem tocar violão; há outros que conhecem algum acompanhamento harmônico, porém não leem partitura; há aqueles que leem partitura, porém não conhecem a leitura no violão; e há os que já possuem o conhecimento de leitura de partitura e de acompanhamento harmônico. As turmas são mistas, isto é, Violão Suplementar 1 e 2, ocorrem simultaneamente e normalmente há entre 6 e 12 alunos em cada classe.

O programa do primeiro nível abrange: orientações sobre a postura para tocar violão; técnica básica de mão direita e esquerda; leitura de melodias a uma voz; arpejos de quatro notas; formação de escalas maior e menor natural; tríades na escala maior e acorde de sétima da dominante; levada de Valsa; levada de Guarânia; levada de Baião e outros gêneros populares brasileiros; repertório: canções populares (acompanhamento) com até cinco acordes; prática de Conjunto: arranjos simples para dois ou mais violões.

¹ Obrigatória Seletiva_o aluno da graduação pode escolher entre violão, teclado, percussão e canto como instrumentos suplementares.

O programa do segundo nível traz: orientações sobre a postura para tocar violão; técnica básica de mão direita e esquerda; introdução à pestana; leitura de melodias a uma voz; arpejos de quatro notas; formação de escalas maior e menor natural; tríades na escala maior e acorde de sétima da dominante; levada de Xote; levada de Bossa-Nova; levada básica de Samba e outros gêneros populares brasileiros; repertório: canções populares (acompanhamento) com até oito acordes; prática de conjunto: arranjos simples para dois ou mais violões.

O diferencial entre o primeiro e o segundo semestre está na introdução à pestana e as levadas de Xote, Bossa Nova e Samba além do número de acordes no acompanhamento das canções populares. No entanto, não há um semestre igual ao outro. Dependendo da sondagem inicial do nível e interesse dos alunos, os professores direcionam os conteúdos e a metodologia aplicada.

Metodologia

Inicialmente a sala de aula é organizada de maneira que as cadeiras fiquem dispostas em círculo (TOURINHO, 2006). Posteriormente os alunos falam das suas expectativas quanto ao curso, principalmente no quesito repertório. Tourinho e Azzi (2014) discutem sobre a necessidade dos estudantes de planejarem as condições para o seu aprendizado, definir objetivos pessoais a curto e médio prazo, bem como se autorregular. Segundo as autoras, os cursos de graduação têm por foco desenvolver a consciência crítica e o estudo consciente do instrumento deve ter como alicerces as perguntas: para que, por que e como estudar. Porém nesse primeiro momento, muitos dos alunos iniciantes não têm o conhecimento para discernir e escolher o nível de dificuldade entre uma música e outra, na maioria das vezes, escolhem a música que querem tocar tendo como referencial as músicas que gostam de ouvir e/ou cantar.

Após essa primeira roda de conversa, os alunos que desejarem são convidados a tocar uma música que eles conhecem. Neste momento, o professor passa a conhecer um pouco cada estudante, seus gostos, habilidades e dificuldades.

Após fazer esse primeiro levantamento, se questiona aos alunos sobre o que eles conhecem sobre o violão (partes, tipos, e características em geral). Nesse momento, os alunos demonstram que conhecem diferentes tipos de violão, mesmo que não saibam dar nomes a cada um deles: violão com corda de nylon, corda de aço, amplificado, acústico, com 6, 7 ou 12 cordas, etc. Antes que o professor apresente as partes do violão é importante, que os alunos mostrem o conhecimento que eles possuem anterior às aulas. A partir do que eles trazem, é possível o professor identificar o repertório do gosto do aluno, o conhecimento prévio do instrumento e quais as intenções do aluno ao ingressar na disciplina.

Posteriormente iniciam-se as primeiras orientações e demonstrações das possibilidades da postura e de como segurar o violão. É dada a opção ao aluno testar em colocar o violão apoiado na perna esquerda ou direita. Nesse momento, não há uma determinação de qual postura seria a mais correta. Há sim uma liberdade de escolha para que possam testar em qual posição, eles se sentem mais confortáveis, após a explicação. A intenção é aproximá-los ao máximo da realidade em sala de aula. Seria inclusive interessante que eles tocassem em pé com o violão apoiado à correia² como acontece em muitas apresentações nas escolas.

Leitura de Partitura

O repertório inicial varia conforme as habilidades técnicas no instrumento. No entanto, a intenção inicial é que os alunos saiam tocando uma música desde o primeiro dia de aula, mesmo aqueles que nunca tocaram violão. Primeiramente apresentamos o nome dos dedos das mãos esquerda e direita (ME 1,2,3,4; MD p,i,m,a;) e o nome das cordas soltas no violão e a leitura das notas naturais na primeira corda (mi,fá,sol). Para cada sequência há uma peça que trabalha estas notas. O ritmo é aprendido de ouvido e aqueles alunos cujas habilidades já permitem a leitura e/ou acompanhamento do segundo violão auxiliam como base para os demais tocarem:

FIGURA 1 – Baião do Gabriel³



Fonte: Arranjo do Prof. Zilmar Gustavo
(Escola de Música de Brasília)

² Acessório utilizado para segurar o violão, uma faixa presa a dois pinos fixados no violão.

³ Baião do Gabriel é uma peça didática composta pelo violonista e professor Zilmar Gustavo, para o ensino das notas naturais na primeira corda, primeira posição (mi,fá,sol).

Acompanhamento Harmônico

As aulas são divididas em três partes: aquecimento, leitura de partitura e acompanhamento harmônico. A escolha do repertório inicial se baseia na dificuldade de execução e troca dos acordes.

É interessante ressaltar que parece já haver, em algumas regiões, um certo repertório padrão, ou seja, um consenso inicial para o ensino do violão de acompanhamento. Macêdo e Tourinho (2016) fazem uma sugestão de repertório com músicas do folclore/infantis com dois acordes: Cai, Cai Balão, Marcha soldado, Samba Lelê, e outras músicas da mídia como, Preta Pretinha (Moraes Moreira), Garota Nacional (Skank) e Pescador de Ilusões (O Rappa), por exemplo. Novais (2016), assim como Macêdo e Tourinho sugerem as La Bella Luna (Hebert Vianna) e Te Ver (Skank).

No semestre deste relato, a primeira música apresentada foi “Pra não Dizer que Não falei das Flores” de Geraldo Vandré, também citada por Macêdo e Tourinho (2016). Inicialmente os alunos assistem a um vídeo no Youtube⁴ da referida gravação, escrita e interpretada por Geraldo Vandré no Festival Internacional da Canção de 1968. Após essa primeira parte, os alunos foram consultados para verificar se todos já a conheciam. Geralmente, alguns alunos já ouviram falar, outros já apresentam aspectos históricos como o período da Ditadura Militar, as manifestações populares, repressão dos militares, música de protesto, etc. Após esse primeiro cenário trazido pelos alunos e apresentados no vídeo, emerge questões sobre os aspectos musicais da canção. É importante destacar que, geralmente, os alunos que já sabem violão, tocam junto com a primeira exibição do vídeo. Alguns já sabem a tonalidade, outras tentam tirar na hora de ouvido, outros olham para o colega ao lado e pegam os acordes pelo “olhômetro” e assim ao final, parte da turma já sabe qual música será executada. Ocorre, então, uma primeira análise musical do que os alunos irão tocar: questiona-se sobre a estrutura da canção como letra (estrofes e refrão); partes da música (introdução, parte A, parte B, solos, etc); quais acordes estão sendo tocados, tonalidade, ritmo e compasso.

⁴ https://www.youtube.com/watch?v=A_2Gtz-zAzM

A partir das respostas já é possível fazer um pequeno levantamento do conhecimento da turma. O próximo passo é tocar. A turma é organizada de modo que quem já toca faça par ou trio com quem não toca, assim é possível proporcionar a aprendizagem entre pares (GREEN, 2001, 2008). Quem sabe ensina para quem não sabe.

Uma das estratégias constantes nessa disciplina é proporcionar momentos de aprendizagem informal entre os alunos durante as aulas. No momento da apresentação dos vídeos, alguns alunos tentam tirar de ouvido a sequência harmônica. Em outra parte da aula, esse mesmo aluno que já toca a música apresentada, passa a ajudar o colega que não sabe tocar. É importante destacar, que nesse momento não é determinado o que cada um precisa mostrar ao colega, logo, muitas vezes, é possível observar um estudante ensinando os acordes, outro tentando mostrar o solo e o outro o ritmo. O docente passa de grupo em grupo mediando a aprendizagem, verificando as dificuldades e passando estratégias que facilitam a aprendizagem daqueles que não tocam violão e ao mesmo tempo orientando/dando sugestões àqueles que já tocam como repassar o conhecimento que já possuem. Ao final dessa parte que leva em média 30 minutos, todos voltam à grande roda e tocam juntos.

A aula finaliza com a execução as músicas que os alunos aprenderam e outras que eles, por um acaso queiram tocar. Mesmo que nem todos executem corretamente ainda as passagens e o ritmo, por exemplo, há uma sensação de realização e o início da proposta da Roda de Violão.

A Roda de Violão

A roda de violão é uma atividade avaliativa que ocorre no segundo bimestre, na qual cada aluno individualmente, em duplas, em trios ou em pequenos grupos pesquisam um repertório do gosto pessoal e apresentam aos demais a cada final de aula. É um momento de descontração, mas que exige que cada aluno se prepare anteriormente. Nesse semestre, tivemos quatro rodas: a primeira foi a da música sertaneja, a segunda foi do rock/pop, a terceira foi do samba e a quarta foi das músicas nordestinas baião e xote.

Como citado anteriormente, nesta disciplina há vários alunos de outros departamentos. Neste semestre, ocorreu um fato interessante: em uma das primeiras aulas, um aluno do curso de Biologia perguntou se aprenderíamos as batidas da música sertaneja. Neste momento, alguns alunos do curso de Música começaram a querer rir. A professora ficou constrangida, ao mesmo tempo em que não queria deixar o aluno desmotivado. A atividade avaliativa da roda de violão veio a contribuir para situações como essa, pois apesar do professor não conhecer tal repertório, e não ter tempo para aprendê-lo e principalmente se apropriar do gênero musical solicitado, há geralmente outro aluno da classe, que conhece e se identificava com o gosto musical do colega. Dessa maneira, com a abertura do espaço da aula para os estudantes tocarem/ensaiarem juntos, a aprendizagem entre pares ocorre naturalmente. Muitos deles inclusive saem da sala, encontram outros espaços para tocar, combinam dias diferentes na semana para ensaiarem e se organizam com a única finalidade de tocarem o repertório que gostam na Roda de Violão.

Considerações Finais

A Roda de Violão, como uma das estratégias de avaliação, é concebida de maneira a trazer a aprendizagem informal para dentro da sala de aula. Nesse momento, cada aluno passa a ser responsável pelo seu próprio aprendizado. Desde a escolha das músicas até a apresentação em roda para o restante da turma que também o acompanha quando possível. O tocar em conjunto proporciona uma aprendizagem significativa, prazerosa e democrática aos alunos, na qual há um respeito ao gosto do outro e não uma obrigatoriedade de se tocar tudo que a professora determina.

Algumas dificuldades foram constatadas: os alunos estudam/tocam pouco durante a semana. Não há um hábito de estudo diário. Este é um ponto a ser destacado nessa reflexão na medida em que, percebe-se que nossos alunos estão sobrecarregados em todas as atividades universitárias, profissionais e familiares. A prática em grupo mais de uma vez por semana, poderia melhorar o desempenho e aprendizagem instrumental desses alunos principalmente no que diz respeito a leitura de partitura. Esta prática tem ficado em segundo plano ou

literalmente esquecida durante o período que não há aula. Parece que o ‘tocar violão’ é uma prática ligada ao prazer em se acompanhar, ou de tocar músicas conhecidas, ou do gosto pessoal.

Tourinho e Azzi (2014) afirmam que o papel do professor é conhecer o aluno, acompanhá-lo em seu processo de aprendizagem e oferecer estratégias de estudo para a prática. É importante destacar que, o professor não detém o conhecimento de todo o repertório musical de acompanhamento para violão, mas ele pode proporcionar aprendizagem entre os próprios alunos.

O que vemos, geralmente, nas universidades em cursos de Música, é uma delimitação do que pode e o que não se pode tocar, o que compete e o que não compete ao ensino superior. No entanto, a realidade da atuação profissional em sala de aula é outra, muitas vezes, diferenciada do que se aprende no ‘ensino superior’. Por isso este trabalho questiona: Quais as competências exigidas do professor violonista no dia a dia na sala de aula? Como o curso de Licenciatura em Música contribui para a formação desse educador na *performance* do instrumento? Resultados iniciais demonstram que as disciplinas de Violão Suplementar 1 e 2 cumprem o papel de inicializar os graduandos no instrumento violão, porém a duração das aulas e a prática no instrumento extraclasse ainda são insuficientes para o domínio do instrumento em sala de aula na educação básica. É necessária uma ação em conjunto com todos os professores dos instrumentos suplementares (canto, percussão, teclado, flauta doce) e os professores de estágio supervisionado. Questões como criação, improvisação e arranjo, poderiam ser abordadas nestas disciplinas e assim contribuir para a formação do futuro professor.

Oliveira (2014) destaca a importância de se ter um profissional capacitado e com formação adequada para resolver problemas em situações adversas do ensino coletivo de instrumento e com experiência na seleção de repertório que atenda às demandas gerais do grupo, adaptando-o, em casos especiais, aos interesses e gostos musicais dos estudantes, ou seja, é necessário unir a formação à prática em sala de aula.

Referências

BRASIL, A. Instrumento suplementar violão poderia esse recurso auxiliar o licenciando em música na sua prática docente? In: XXII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2015, Natal/RN. *Anais do XXII Encontro Nacional da ABEM, 2015.*

FIGUEIREDO, M.A.de A., Um estudo sobre a formação e atuação do professor de violão de Santa Catarina. *Dissertação (Mestrado em Música)*. Universidade do Estado de Santa Catarina, SC, 2013. 122 f.
(2013)

FREIRE, J. S. O Violão na formação do licenciando em Música da UFRN: uma discussão sobre procedimentos de ensino violonístico para educadores musicais. In: XXIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música -, 2013, Natal/RN. *Anais XXIII Congresso da ANPPOM, 2013.*

GREEN, L. *How Popular Musicians Learn: a way ahead for music education*. London: London University, Institute of Education, Ashgate Publishing Limited, 2001.

GREEN, L. *Music, Informal Learning and the School: a New Classroom Pedagogy*. Cornwall: Ashgate, 2008b.

MACEDO, M. C. C. ; TOURINHO, A. C. G. S.. *Violão para Crianças*. 01. ed. Jundiaí: Paco, 2016. v. 01. 96p

OLIVEIRA, V. M.. A escolha do repertório no ensino coletivo de instrumentos: uma experiência vivida no Projeto "Orquestra de Violões nas Escolas". In: III Simpósio Brasileiro de Pós Graduação em Música, 2014, Rio de Janeiro. *Anais do III SIMPOM, 2014*. v. 3. p. 503-512

TOURINHO, A. C. G. S.. Ensino coletivo de violão: proposta para disposição física dos estudantes em classe e atividades correlatas. *Anais do Seminário Nacional de Arte e Educação, v. 20, p. 31-35, 2006.*

TOURINHO, A.C.G.S. Reflexões sobre a formação do educador musical agora. In: *Revista do Programa de Pós Graduação em Artes, ICA*, ed. Belém do Pará: UFPA, 2015. n. 1.

TOURINHO, A. C. G. S. ; AZZI, R. G. . Ensino de Violão para alunos não violonistas na Graduação em Música da Escola de Música da UFBA: estratégias para desenvolver o aprendizado. In: X Simpósio de Cognição e Artes Musicais - edição nacional, 2014, Campinas. *Anais do X SIMCAM, 2014.*